

TRIBUNA DA CIDADE

KURT PESSEK

Três pequenos desafios no DF

Longe de mim o verbo exigir que está na moda. Por qualquer motivo barato, lasca-se no papel o exijo isto, exijo aquilo e outras exigências que acabam na cesta do lixo. Por má educação, claro. No fundo, exigir é o mesmo que intimidar. E, desde pequeno, aprendi que só se exige quando se tem força para tanto. Não se exige nem mesmo o menor dos serviços. Desconheço quem chegue no bar e diga ao garçom: "Exijo uma cerveja!". Seria grosseiro, além de correr o risco de levar uma garrafa na cabeça. Portanto, vai aqui o solicitar, o encarecer, o pedir aos administradores de Brasília solução para três problemas. Pequenos mas importantes pelo fato de ampliar a nossa civilidade. Em outras palavras, seremos mais urbanos e polidos caso eles venham a ter solução.

Esportiva, dinâmica e jovial, a motocicleta, por si só, já indica aventuras, velocidade, riscos e emoções de toda sorte. Elas hoje são muito usadas para o trabalho de mensageiros, entregadores, prestadores de pequenos serviços e o que mais for. São úteis e adequadas, daí o número cada vez maior deste notável meio de transporte na cidade. Só que alguns motociclistas — e não são poucos — disputam com os pedestres as calçadas exclusivas. Cruzam os jardins por todos os lados, ameaçam crianças e senhoras idosas. Assustam e irritam os pedestres. Nada os detém, passam por qualquer obstáculo. Parece até que quanto maior, mais o desafio os incita. Roncam e se arrojam pelos passeios tal e qual pilotam nas corridas. E se valem do anonimato, pois os capacetes os tornam irreconhecíveis. A lei para estes é letra morta e se alguém reclama são capazes de retornar para agredir. Se perseguidos, fogem céleres por qualquer caminho a valer-se da velocidade.

O segundo problema se localiza nas ruas comerciais das entrequadradas do Plano Piloto.



"Em todas as grandes cidades existem horários especiais para

Ante o aumento do número de carros as ruas diminuem a cada dia e se congestionam às horas certas. Todas têm o necessário semáforo para pedestres, capaz de diminuir bastante o fluxo dos automóveis em trânsito. O estacionamento em

carga,
descarga e
recolhimento
do lixo"

toda a extensão é outro fator de morosidade em escoar os veículos.

Mas o pior mesmo consiste nos caminhões, caminhonetes, furgões e outros que decidem estacionar em uma das pistas para entrega de mercadorias. Aí sim, o trânsito pára e perde-se bons minutos a gastar combustível, a poluir o ar e a perder a paciência. Nos piores horários, sempre há descargas de enormes veículos. Até parece que esperam o momento adequado para atrapalhar a vida de todos nós.

Em todas as grandes cidades há horários especiais para carga, descarga e recolhimento do lixo. O motivo recai exato naquilo que estou a solicitar — fluidez nas ruas mais difíceis e inevitáveis. Afinal, é impossível chegar-se de carro às residências das superquadras sem passar por estas minúsculas ruas comerciais.

A última solicitação diz respeito aos odores. Longe de mim a idéia de perfumar a cidade, só espero que não tenhamos de sofrer as más fragrâncias encontradas nas esquinas. Em boa intenção e à semelhança do tal Primeiro Mundo, as autoridades colocaram em muitos pontos enormes depósitos de lixo, de ferro, com tampa, em formato industrial e adequados para ser transportados em caminhão basculante. Nada mais moderno. Só que por burrice e porca economia, os restaurantes — suponho eu — lá deitam restos de comida desprotegidos do saco plástico. Há exceções, claro. Também há casos em que o saco é rompido pelos catadores de lixo. Porém, bom número de pessoas não usa o saco plástico. E o resultado é um só: os fétidos aromas inundam as cercanias.

Há restaurantes ou bares em que os maus eflúvios, conforme a direção do vento, chegam a invadir o ambiente, a retirar dos fregueses a menor vontade de comer ou mesmo de ficar ali. Em boa parte dos estabelecimentos o camburão do lixo fica no caminho da entrada. O cheiro ruim logo sugere procurar outro restaurante. O tresandar repelente chega a alcançar distâncias consideráveis mesmo aos que dele longe passam. O mais interessante desse contratempo é o fingir dos passantes.

No momento em que Brasília se torna florida por toda parte em evidente demonstração de civilismo, cabe-nos sugerir — só sugerir — melhorias em todos os setores. Elas servem até para educar muita gente e fortalecer os compromissos do cidadão com os bens públicos.

■ Kurt Pessek é escritor